PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO-PUCSP
COORDENADORIA GERAL DE ESPECIALIZAÇÃO, APERFEIÇOAMENTO E EXTENSÃO - COGEAE

ESTRATÉGIAS DE LEITURA PARA O CONTO DE FADAS

Maria Leonia Alves da Silva

São Paulo – SP

2014

MARIA LEONIA ALVES DA SILVA

ESTRATÉGIAS DE LEITURA PARA O CONTO DE FADAS

Monografia apresentada ao Curso de
Especialização em Língua
Portuguesa como requisito parcial à
obtenção do grau de Especialista em
Língua Portuguesa.

São Paulo – SP

2014

DEDICATÓRIA

Aos meus queridos pais Francisco e Lourdes,
Marido Sidnei e
Filhos Matheus e Beatriz

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus e minha querida família. Meus pais que me criaram com toda dedicação e amor e junto com meus irmãos proporcionaram minhas melhores lembranças da infância e juventude. Enfim, agradeço a meu marido que me completa e apoia.

Um agradecimento especial para minha mãe que contribuiu para que este trabalho acontecesse. Ela, que com muito amor cuidou dos meus filhos para que eu pudesse realizar este curso e este trabalho.

AVALIAÇÃO

AVALIAÇÃO:.....

ASSINATURA DO ORIENTADOR:.....

RESUMO

Nossa pesquisa teve como objetivo analisar as estratégias de leitura desenvolvidas. O foco dessa análise foi analisar as estratégias utilizando o gênero textual conto de fadas. Verificamos se as estratégias seriam efetivas para uma turma do 6º ano do Ensino Fundamental II da rede particular. No presente trabalho buscamos apresentar subsídios aos professores e desta forma propiciar um melhor desempenho do aluno em sala da aula. O referencial teórico utilizado foi o material da rede pública estadual – os Parâmetros Curriculares Nacionais (neste caso, proposta para o 6º ano) e autores com diferentes definições e estratégias de leitura, entre Solé (2009), Kleiman (1989) e Leffa (1996). O conto de fadas escolhido para análise foi “OS TRÊS PORQUINHOS”. Escolhermos o gênero Conto de Fadas porque ele traz um mundo próximo dos alunos da turma escolhida. Os contos de fadas são praticamente o primeiro contato do leitor infantil com a leitura e é preciso saber aproveitar isso. Os contos envolvem significativamente o leitor porque trata de diversos temas; além disso, apresentam vários processos de identificação e plurissignificação. O leitor se identifica com os personagens e enredos e acabam repetindo a leitura.

SUMÁRIO

Introdução.....	7
Objetivo Geral.....	9
Capítulo I – Fundamentos sobre a Leitura e o Ato de Ler.....	10
1.1 O problema da leitura na escola.....	13
1.2 O ensino inicial da leitura.....	14
1.3 As estratégias para a compreensão da leitura.....	16
1.4 Objetivos da Leitura.....	18
Capítulo II – Propostas de Estratégias de Leitura dos PCNs.....	21
2.1 A concepção de leitura nos PCNs e a escola.....	23
Capítulo III – Uma proposta de leitura em sala de aula.....	26
3.1 O Conto de Fadas escolhido.....	27
3.2 O que são Contos de Fadas.....	28
3.3 A sequência didática.....	29
Considerações Finais.....	32
Referências.....	34
ANEXO I – Conto de Fadas: Os Três Porquinhos.....	35

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por tema o estudo de estratégias a utilizar para a leitura de Contos de Fadas. Quais estratégias utilizar para a leitura deste gênero? Como se forma o processo de cognição na leitura de Contos de Fadas?

Durante o curso de Especialização em Língua Portuguesa vimos diversas questões. Nestas observamos exposições de diversas linhas de pesquisa e obtivemos instrumentos para um maior cabedal teórico. Analisamos gramáticas, teorias linguísticas, leitura, escrita e oralidade.

Nesse contexto, apresentamos um seminário sobre estratégias de leitura, fato que nos chamou muito a atenção e despertou nosso interesse sobre as diversas formas de trabalhar a leitura. É corrente entre professores, educadores de mesmo alunos que ensinar leitura e desenvolver hábitos de leitura proficiente e prazerosa é um grande desafio.

A leitura ensinada na escola gera inúmeras possibilidades de desenvolvimento social, emocional e cognitivo do aluno. Por isso é necessário o desenvolvimento das competências de leitura e escrita dos alunos. Neste trabalho, buscamos explorar as estratégias de leitura voltada para o conto de fadas.

Solé (2009) afirma que o professor precisar usar de estratégias para conseguir aguçar em seu aluno o gosto pela leitura, não simplesmente o fato do aluno ler o livro, e sim, entender e interagir com o livro. A criança que lê desenvolve o senso crítico e melhora a escrita. A leitura precisa ser prazerosa, natural e, para isso, deve ser inserida desde criança. Assim, acreditamos que o conto de fadas é um amplo universo para o desenvolvimento do gosto pela leitura.

É preciso considerar que a leitura vai além do mundo acadêmico, além dos muros da escola e deve ser vista como algo bom, fonte de aprendizado para a vida não somente de aluno, mas de um ser na sociedade. Para que a leitura seja vista desta forma é preciso que o professor aplique estratégias que favoreçam a leitura na sala de aula e que despertem no aluno o interesse pelas histórias, pelos livros.

Diante disso resolvemos explorar o universo dos contos de fadas e buscar as estratégias de leitura deste gênero.

O conto de fadas escolhido para análise foi “OS TRÊS PORQUINHOS”. Escolhermos o gênero Conto de Fadas porque ele traz um mundo próximo dos alunos da turma escolhida. São crianças do 6º ano do Ensino Fundamental II da rede particular.

Ao realizar aulas de leitura percebemos que os alunos ficavam tímidos, ou, em muitos casos, realmente não se interessavam pela aula. Os contos de fadas são praticamente o primeiro contato do leitor infantil com a leitura e é preciso saber aproveitar isso. Os contos envolvem significativamente o leitor porque trata de diversos temas; além disso, apresentam vários processos de identificação e plurissignificação. O leitor se identifica com os personagens e enredos e acabam repetindo a leitura.

OBJETIVO GERAL

Analisar as estratégias de leitura dos contos de fadas, buscando propiciar ao professor um caminho para estimular a leitura nos alunos desde seu início no Ensino Fundamental II e fazê-los entender que a leitura é necessária para sua formação além da sala de aula. O que pretendemos é que as estratégias proporcionem a professor e aluno o prazer na descoberta da leitura por meio dos contos de fadas.

CAPÍTULO I

FUNDAMENTOS SOBRE A LEITURA E O ATO DE LER

Há diversas definições a respeito do que seja ler. Leffa (1996), ao tratar do tema, afirma que, para alguns autores, ler é extrair o significado do texto; para outros, é atribuir um significado ao que lê no texto. Assim, o processo da leitura pode ser definido de várias maneiras, dependendo não só do enfoque dado (lingüístico, psicológico, social, fenomenológico, etc.), mas também do grau de generalidade com que se pretenda definir o termo.

A leitura é basicamente um processo de representação. Como esse processo envolve o sentido da visão, ler é, na sua essência, olhar para uma coisa e ver outra, segundo a autora. A leitura não se dá por acesso direto à realidade, mas por intermediação de outros elementos dela. Ler é reconhecer o mundo através de espelhos. Como esses espelhos oferecem imagens, a leitura só é possível quando se tem um conhecimento prévio desse mundo. Ler é, na sua essência, olhar uma coisa e ter a possibilidade de ver outras coisas. Não se lê apenas a palavra escrita, mas também o mundo por ela representado; numa leitura do mundo, o objeto para o qual se olha funciona como um espelho. Entre o leitor e o que ele vê através da leitura pode haver mais de um espelho. Ocorre, assim, que aquilo que é percebido é um reflexo do reflexo da realidade. Esse parece ser principalmente o caso da leitura de uma obra literária, que pode implicar não apenas reflexos de reflexos, mas verdadeiros encadeamentos de reflexos. Na leitura de um poema, por exemplo, um determinado segmento da realidade (um dos possíveis significados do poema) pode ser refletido através de vários espelhos até chegar à percepção do leitor.

Ainda segundo Leffa, há duas definições restritas de leitura: pode-se definir restritamente o processo da leitura, contrastando-se duas definições antagônicas: (a) ler é extrair significado do texto e (b) ler é atribuir significado ao texto.

O antagonismo está nos sentidos opostos dos verbos extrair e atribuir. No primeiro, a direção é do texto para o leitor. No segundo, é do leitor para o texto. Ler implica significado, sendo significado aquele segmento da realidade a que se chega através de um outro segmento. O significado pode estar em vários lugares, mas ao se usar o verbo

extrair, põe-se o significado dentro do texto. Uma analogia que parece refletir adequadamente esta acepção de leitura é a de que o texto é uma mina, possivelmente com inúmeros corredores subterrâneos, cheia de riquezas, mas que precisa ser persistentemente explorada pelo leitor.

Erros de leitura oral são vistos como provas de deficiência em leitura. Nessa perspectiva, a leitura é um processo linear que se desenvolve palavra por palavra. O significado é extraído - vai-se acumulando - à medida que essas palavras vão sendo processadas. O leitor está subordinado ao texto, que é o polo mais importante da leitura. De acordo com Leffa (1996), se o texto for rico, o leitor se enriquecerá com ele, aumentará seu conhecimento de tudo porque o texto é o mundo. Se o texto for pobre, mina sem ouro, o leitor perderá seu tempo, porque nada há para extrair. Para Leffa a leitura deve ser cuidadosa, com consulta ao dicionário sempre que uma palavra desconhecida for encontrada e anotação da palavra para revisões posteriores e enriquecimento do vocabulário. Frases de compreensão difícil devem ser lidas e relidas até que a compreensão fique clara. Os conselhos dados por um professor de português sobre o uso do dicionário podem ilustrar essa concepção de leitura. A adivinhação de palavras novas pelo contexto deve ser evitada porque a leitura é um processo exato e a compreensão não comporta aproximações. O texto está cheio de armadilhas para o leitor impulsivo que não sabe parar e refletir diante dos vocábulos que só são semelhantes na aparência ou de figuras de linguagem que precisam ser reconhecidas para que se possa apreciar a beleza do texto. Tudo o que o texto contém precisa ser detectado e analisado para que seu verdadeiro significado possa ser extraído.

Leffa afirma que a acepção de que ler é atribuir significado, põe a origem do significado não no texto, mas no leitor. O mesmo texto pode provocar em cada leitor e mesmo em cada leitura uma visão diferente da realidade. A qualidade do ato da leitura não é medida pela qualidade intrínseca do texto, mas pela qualidade da reação do leitor. A riqueza da leitura não está necessariamente nas grandes obras clássicas, mas na experiência do leitor ao processar o texto. O significado não está na mensagem do texto, mas na série de acontecimentos que o texto desencadeia na mente do leitor. Erros de leitura oral são interpretados do ponto de vista qualitativo e considerados apenas como desvios. Não importa cometer muitos erros; o que interessa é o tipo de erro cometido. Se no texto, por exemplo, estiver escrito "gatinho" e o leitor ler "bichinho", mantendo a coerência

interpretativa, considera-se que a qualidade da leitura não é prejudicada. A leitura não é interpretada como um procedimento linear, onde o significado é construído palavra por palavra, mas como um procedimento de levantamento de hipóteses. O que o leitor processa da página escrita é o mínimo necessário para confirmar ou rejeitar hipóteses.

Assim, conforme o autor, ensinar a ler não é uma questão simples. A leitura na escola gera inúmeras possibilidades de desenvolvimento social, emocional e cognitivo do aluno; por isso, é necessário o desenvolvimento das competências de leitura e escrita dos alunos e, neste trabalho busca-se explorar as estratégias de leitura voltadas para o conto de fadas.

Solé (2009) explica que o professor precisa usar estratégias para conseguir aguçar em seu aluno o gosto pela leitura, não simplesmente o fato do aluno ler o livro e, sim, entender e interagir com este. A criança que lê desenvolve o senso crítico e melhora a escrita. A leitura precisa ser prazerosa, natural e, para isso, deve ser inserida desde muito cedo para a criança e o conto de fadas é um amplo universo para o desenvolvimento da leitura.

A leitura vai além do mundo acadêmico, além dos muros da escola e precisa ser vista como algo bom, fonte de aprendizado para a vida não somente de aluno, mas de um ser na sociedade. Para que a leitura seja vista desta forma é preciso que o professor utilize estratégias de leitura na sala de aula que despertem no aluno o interesse pelas histórias, pelos livros. A leitura é objeto de conhecimento em si mesmo e instrumento necessário para realização de novas aprendizagens.

Assim, para a autora, ler é um processo de interação entre o leitor e o texto para satisfazer um propósito ou finalidade. Lemos para algo: devanear, preencher um momento de lazer, seguir uma pauta para realizar uma atividade, entre outras coisas. Para compreender o texto, o leitor utiliza seus conhecimento de mundo e os conhecimentos do texto. Para a autora, “a leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto; neste processo tenta-se satisfazer (obter uma transformação pertinente para) os objetivos que guiam sua leitura”.

Observamos que a autora quer dizer que na leitura é necessário um leitor ativo que processe e examine o texto; sempre lemos para algo, para alcançar um objetivo. A interpretação que faremos dos fatos existentes na leitura vai depender do objetivo que temos para essa leitura.

O leitor construirá o significado do texto, mas isto não quer dizer que o texto em si mesmo não tenha sentido ou significado. O sentido para o leitor é uma construção que envolve o texto, os conhecimentos prévios, o seu objetivo de leitura.

Para ler é necessário dominar habilidades como decodificação e estratégias de compreensão; é necessário emitir e verificar hipóteses para construção e controle da compreensão. De acordo com a autora, a escola enfrenta grandes desafios e, entre eles, fazer com que os alunos aprendam a ler corretamente, pois esta habilidade é necessária para a autonomia do aluno como indivíduo na sociedade letrada.

1.1 O problema da leitura na escola

Solé (2009) afirma que o problema do ensino da leitura na escola não se situa no nível do método, mas na própria conceitualização do que é leitura. Quando a discussão centra-se nos métodos, ou nas idades em que deve ser iniciada a instrução, opera-se simultaneamente uma assimilação e uma restrição: assimila-se a aquisição e o ensino da leitura à aquisição e ensino do código e se restringe aquilo que a leitura envolve e que supera as habilidades de decodificação.

Um dos objetivos mais importantes da escola é fazer com que os alunos aprendam a ler corretamente. Essa aquisição da leitura é indispensável para agir com autonomia nas sociedades letradas.

Pesquisas realizadas apontam que a leitura não é utilizada tanto quanto deveria, isto é, não lemos o bastante. Uma questão que se coloca é a seguinte: será que os professores e a escola têm clareza do que é ler?

É fundamental que, ao ler, o leitor se proponha a alcançar certos objetivos para determinar tanto as estratégias responsáveis pela compreensão, quanto o controle que, de forma inconsciente, vai exercendo sobre ela, à medida que lê. O controle da compreensão é um requisito essencial para ler de forma eficaz.

Sabemos que na diversidade existente na sala de aula torna-se muito difícil contentar o interesse de todas as crianças com relação à leitura, portanto, é papel do professor criar o interesse. Uma forma possível de propiciar esse interesse é possibilitar diferentes suportes para a leitura, que sejam e incentivem atitudes de interesse e cuidado nos leitores.

Na escola, ao se deparar com a linguagem escrita, as crianças, em muitos casos, se encontram diante de algo conhecido. O fundamental é que o escrito transmite uma mensagem, uma informação, e que a leitura capacita para ter acesso a essa linguagem.

Na aquisição deste conhecimento, as experiências de leitura da criança no seio da família desempenham uma função importantíssima. Para além da existência de um ambiente em que se promova o uso dos livros e da disposição dos pais a adquiri-los e a ler, o fato de lerem para seus filhos relatos e histórias e a conversa posterior em torno dessas atividades parecem ter uma influência decisiva no desenvolvimento posterior destes com a leitura.

Leffa (1996) afirma que ao definirmos a leitura, quer como um processo de extração de significado (ênfase no texto) quer como um processo de atribuição de significado (ênfase no leitor) encontramos, em ambos os casos, uma série de problemas mais ou menos intransponíveis. A complexidade do processo da leitura não permite que se fixe em apenas um de seus pólos, com exclusão do outro. Na verdade, não basta nem mesmo somar as contribuições do leitor e do texto. É preciso considerar também um terceiro elemento: o que acontece quando leitor e texto se encontram. Para compreender o ato da leitura, temos de considerar, desse modo, (a) o papel do leitor, (b) o papel do texto e (c) o processo de interação entre o leitor e o texto.

1.2 O ensino inicial da leitura

Na escola, as atividades voltadas para o ensino inicial da leitura devem garantir a interação significativa e funcional da criança com a língua escrita, como um meio de construir os conhecimentos necessários para poder abordar as diferentes etapas de sua aprendizagem.

Para isso, é fundamental trazer para a sala de aula, como ponto de partida, os conhecimentos que as crianças já possuem e, a partir de suas ideias, ampliar suas significações.

Segundo Kleiman (1989), o texto é um objeto complexo e, muitas vezes, não se sabe por onde iniciar a sua apreensão.

Sob esta perspectiva, nossos conhecimentos prévios (conhecimentos adquiridos ao longo da vida que ficam armazenados na memória) se engendram aos chamados conhecimentos linguísticos (conhecimentos relacionados à gramática, à língua, ao vocabulário da língua nativa que cada indivíduo tem); conhecimentos textuais (conhecimentos relacionados à classificação do texto, se ele é narrativo, descritivo, argumentativo, entre outras) e o conhecimento de mundo (conhecimentos relacionados à elaboração do pensamento e à imagem de mundo). Esses aspectos são importantes porque, segundo Kleiman, “quanto mais conhecimento textual o leitor tiver, quanto maior for sua exposição a todo tipo de texto, mais fácil será sua compreensão”. Se houver problemas no processamento do texto, ou seja, se o leitor for incapaz de chegar à compreensão somente por meio de um nível de informação, ele ativa outros tipos de conhecimento para compensar as falhas momentâneas. A ativação do conhecimento prévio é essencial à compreensão, pois é a partir de tal conhecimento que o leitor tem sobre o assunto que lhe permite fazer inferências e compreender as informações que estão implícitas.

De acordo com Leffa (1996), a visão da realidade provocada pela presença do texto depende da bagagem de experiências prévias que o leitor traz para a leitura. O texto não contém a realidade, reflete apenas segmentos da realidade, entremeados de inúmeras lacunas, que o leitor vai preenchendo com o conhecimento prévio que possui do mundo.

A autora quer mostrar que o uso do conhecimento linguístico do leitor fica comprometido no primeiro trecho, pois muitas palavras estão em inglês. Este seria o caso extremo de falha no conhecimento linguístico. Ao substituir as palavras em inglês pelo português, não temos mais falhas na compreensão devido à insuficiência do conhecimento linguístico, mas se houver incompreensão dos conceitos das palavras, a leitura ainda será comprometida.

De acordo com Kleiman, o conhecimento linguístico desempenha um papel central no processamento do texto. Processamento é a atividade pela qual as palavras, unidades discretas, distintas, são agrupadas em unidades ou fatias maiores, também significativas, chamadas constituintes da frase. Quando percebemos as palavras a nossa mente está ativa, construindo significados, e um primeiro passo nessa atividade é o agrupamento em frases, baseando-se no conhecimento gramatical, por exemplo: o artigo precede nome e este se combina com o adjetivo, assim como o verbo com o nome, entre outros.

O conhecimento linguístico e o conhecimento textual (conjunto de noções e conceitos sobre o texto) fazem parte do conhecimento prévio.

1.3 As estratégias para a compreensão da leitura

A atividade de leitura, segundo Kleiman, possui dois princípios fundamentais: a coerência e a formulação de hipóteses. O princípio da coerência está ligado ao engajamento do leitor a partir de seus objetivos e propósitos. Estabelecer objetivos na leitura é uma estratégia metacognitiva, ou seja, uma estratégia de controle do próprio conhecimento. A autora enfatiza que o leitor no ato da leitura faz uso do processamento visual, para a apreensão rápida da informação, para que assim alcance o objetivo pretendido e perceba, adivinhe palavras para a formulação de hipóteses. De acordo com as estratégias de processamento do texto, é acionado um conjunto de elementos que formam ligações com marcas linguísticas (gramaticais ou lexicais) importantes para a interação pragmática que é a coesão, ou seja, a articulação de ideias num todo coerente, e a coerência com base em conhecimento linguístico e cognitivo, ou seja, o leitor estabelece relações com o texto através da micro e da macro estrutura textual. É importante que o leitor após o caminho percorrido no texto, perceba que o autor se fez presente durante o processo, para poder tirar uma conclusão. Para Kleiman, “a reconstrução de uma intenção argumentativa é considerada como um pré-requisito para o posicionamento crítico do leitor frente ao texto”.

Se estratégias de leitura são procedimentos, é, pois, preciso ensinar estratégias para a compreensão dos textos: não como técnicas precisas, receitas infalíveis ou habilidades específicas, mas como estratégias de compreensão leitora que envolvem a presença de objetivos, planejamento das ações, e sua avaliação.

Estas estratégias são responsáveis pela construção de uma interpretação para o texto e também uma construção feita de forma autônoma.

Nesse sentido, faz-se necessário observamos as estratégias apresentadas por Solé (2009, p.73):

- Compreender os propósitos implícitos e explícitos da leitura. Que/Por que/Para que tenho que ler?
- Ativar e aportar à leitura os conhecimentos prévios relevantes para o conteúdo em questão. Que sei sobre o conteúdo do texto?

- Dirigir a atenção ao fundamental, em detrimento do que pode parecer mais trivial.
- Avaliar a consistência interna do conteúdo expressado pelo texto e sua compatibilidade com o conhecimento prévio e com o “sentido comum”. Este texto tem sentido?
- Comprovar continuamente se a compreensão ocorre mediante a revisão e a recapitulação periódica e a auto interrogação. Qual é a ideia fundamental que extraio daqui.
- Elaborar e provar inferências de diversos tipos, como interpretações, hipóteses e previsões e conclusões. Qual poderá ser o final deste romance?

Solé (2009) ainda apresenta seis passos importantes para a compreensão, que devem ser seguidos antes da leitura propriamente dita. São eles:

Ideias Gerais - São algumas ideias que o professor tem sobre a leitura:

- 1 - Ler é muito mais do que possuir um rico cabedal de estratégias e técnicas.
- 2 - Ler é um instrumento de aprendizagem, informação e deleite.
- 3 - A leitura não deve ser considerada uma atividade competitiva.
- 4 - Quem não sente prazer pela leitura não conseguirá transmiti-lo aos demais.
- 5 -A leitura para as crianças deve ter uma finalidade que elas possam compreender e partilhar.
- 6 - A complexidade da leitura e a capacidade que as crianças têm para enfrentá-la.

Quanto à motivação para a leitura, Solé assim se posiciona afirmando que toda atividade deve ter como ponto de partida a motivação das crianças: devem ser significativas, motivantes, e a criança deve se sentir capaz de fazê-la.

Kleiman (2000) trata da estratégia cognitiva de leitura afirmando que se trata de um processo através do qual utilizamos elementos formais do texto para fazer as ligações necessárias à construção de um contexto; este processo é inferencial de natureza inconsciente. Nesta estratégia precisamos dos elementos formais do texto, pistas formais que possibilitem a coerência e a construção do contexto.

Há também a regra de continuidade temática, que regula os comportamentos automáticos, inconscientes do leitor na procura de ligações no texto. Essa regra permite a interpretação de elementos sequencias, separados, relacionados por um mesmo tema; a relação dever ser inferível ou materializada formalmente, ou ambos.

Em relação à ordem natural dos processos de leitura, Kleiman cita outros princípios como o princípio de canonicidade que agrupa vários princípios sobre as nossas expectativas em relação à ordem natural do mundo, e sobre como se reflete na linguagem. Junto a este princípio está uma regra chamada de linearidade que pressupõe que a materialização linear (no papel) dos elementos formais reflete essa ordem natural. Por exemplo: o antecedente precede o pronome, que o indefinido passa a ser depois definido, que o dado precede o novo, que o tópico precede à informação sobre o tópico. Se o texto atende a essas expectativas as inferências que permitem as ligações de elementos serão mais automáticas; quando as expectativas não são atendidas o texto se torna mais difícil.

A leitura também pode ser mais complexa quando a ordem linear (na qual o leitor poderá estabelecer relações entre os pronomes anafóricos, dêiticos, e seus antecedentes) não é sequencial. Isso porque o leitor precisará conscientemente procurar o nome ao qual o pronome se refere.

Outra regra citada pela autora (Kleiman) é a regra de distância mínima, quando há mais de um possível antecedente de um pronome ou de um dêitico, aquele mais próximo será interpretado como o antecedente.

Na leitura, há uma constante interação de diversos níveis de conhecimento, de nível sintático, semântico, e extralinguístico a fim de construir a coerência tanto local (mediante a construção de laços coesivos entre as sequências) como temática (mediante a construção de um sentido único para essa sequência de elementos).

A exploração de elementos formais na reconstrução de relações lógicas é, também, uma característica do leitor proficiente. Na ausência desses elementos, no entanto, esse leitor é capaz de perceber a organização textual abstrata, ou superestrutura, componente este que, junto com a informação sequencial ou microestrutural.

1.4 Objetivos da leitura

Kleiman, ao tratar de leitura, aponta que para um resultado eficaz faz-se necessário considerar os objetivos dos leitores.

Assim, os objetivos dos leitores, ou propósitos, com relação a um texto podem ser muito variados, de acordo com as situações e momentos. Vamos destacar alguns dos objetivos da leitura, que podem e devem ser trabalhados em sala de aula:

- 1 - Ler para obter uma informação precisa;
- 2 - Ler para seguir instruções;
- 3 - Ler para obter uma informação de caráter geral;
- 4 - Ler para aprender;
- 5 - Ler para revisar um escrito próprio;
- 6 - Ler por prazer;
- 7 - Ler para comunicar um texto a um auditório;
- 8 - Ler para praticar a leitura em voz alta; e
- 9 - Ler para verificar o que se compreendeu.

Para compreender o que se está lendo é preciso ter conhecimentos sobre o assunto. Mas algumas coisas podem ser feitas para ajudar as crianças a utilizar o conhecimento prévio que têm como dar alguma explicação geral sobre o que será lido; ajudar os alunos a prestar atenção a determinados aspectos do texto, que podem ativar seu conhecimento prévio ou apresentar um tema que não conheciam.

A compreensão do texto resulta da combinação entre os objetivos de leitura que guiam o leitor, entre os seus conhecimentos prévios e a informação que o autor queria transmitir mediante seus escritos.

Para que os alunos compreendam a ideia principal do texto, o professor pode explicar aos alunos o que consiste a “ideia principal”, recordar porque vão ler concretamente o texto - função real, ressaltar o tema, à medida que vão lendo informar aos alunos o que é considerado mais importante, para que, finalmente concluam se a ideia principal é um produto de uma elaboração pessoal.

Utilizar o resumo como estratégia pode ser uma boa escolha para estabelecer o tema de um texto, para gerar ou identificar sua ideia principal e seus detalhes secundários. É importante, também, que os alunos aprendam porque precisam resumir, e como fazê-lo, assistindo resumos efetuados pelo seu professor, resumindo conjuntamente, passando a utilizar essa estratégia de forma autônoma.

Considerando o que observamos até agora em relação aos processos de leitura e compreensão é interessante ressaltar, de acordo com Solé que:

- Aprender a ler significa aprender a ser ativo ante a leitura, ter objetivos para ela, se auto-interrogar sobre o conteúdo e sobre a própria compreensão.
- Aprender a ler significa também aprender a encontrar sentido e interesse na leitura.
- Aprender a ler compreensivamente é uma condição necessária para poder aprender a partir dos textos escritos.
- Aprender a ler requer que se ensine a ler, e isso é um papel do professor.
- Ensinar a ler é uma questão de compartilhar. Compartilhar objetivos, compartilhar tarefas, compartilhar os significados construídos em torno deles.
- Ensinar a ler exige a observação dos alunos e da própria intervenção, como requisitos para estabelecer situações didáticas diferenciadas capazes de se adaptar à diversidade inevitável da sala de aula.

Em síntese, é função de o professor promover atividades significativas de leitura, bem como refletir, planejar e avaliar a própria prática em torno da leitura.

CAPÍTULO II

PROPOSTA DE ESTRATÉGIAS DE LEITURA DOS PCNs:

É na adolescência que ocorre a reconstrução da identidade, em cuja fase acontecem transformações corporais, afetivas, cognitivas e socioculturais. Considerar essas transformações, no caso do ensino de língua portuguesa, torna a mediação do professor elemento fundamental.

Com base nesse contexto e a partir de uma prerrogativa da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da Educação, lei 9394/96, os Parâmetros Curriculares Nacionais foram elaborados com o objetivo de propiciar aos sistemas de ensino, particularmente aos professores, subsídios à elaboração e/ou reelaboração do currículo, servindo como eixo norteador à construção do projeto pedagógico, em função da cidadania do aluno.

Os PCN, publicados no final do século XX, 1997, pelo MEC, são resultado de longo trabalho. Inicialmente foram elaborados documentos, em versões preliminares, para serem analisados e debatidos por professores que atuam em diferentes graus de ensino, especialistas da educação e de outras áreas, além de instituições governamentais e não governamentais. As críticas e sugestões apresentadas contribuíram para a elaboração da versão atual, que deverá ser, periodicamente, revista, com base no acompanhamento e avaliação de sua implantação.

Em suma, a legitimidade desse documento ancora-se, preliminarmente, no modo coletivo de sua elaboração, uma vez que ele não seria diretivo porque sua autoridade fundamenta-se na experiência e no conhecimento da comunidade a quem supostamente se destina; no limite, o documento encontra sua justificativa maior no fato de ter sido elaborado na/pela/para a comunidade destinatária. A autoria difusa inscrita no seu processo materializa-se em uma Ficha Técnica em que professores e pesquisadores, vinculados a tendências teórico-disciplinares e a contextos acadêmicos os mais diversos, aparecem no final de cada texto.

Segundo os PCN, o objetivo principal do ensino de Língua Portuguesa é o domínio da linguagem. E subjacente a este objetivo está o ensino da leitura, para o domínio de uma

competência leitora. Ainda de acordo com os PCN, é nos 3º e 4º ciclos que se formam os leitores.

Bem sabemos que essa tarefa não é nada fácil, tampouco acontece da noite para o dia, também que não se inicia apenas nos 3º e 4º ciclos, mas desde que a criança entra para a escola, ou ainda, se levarmos em consideração que a leitura de mundo se inicia antes da leitura da palavra, conforme Paulo Freire verificamos que ocorre antes mesmo da estreia da criança na escola.

No documento, alguns gêneros foram privilegiados para a prática de leitura de textos, nas modalidades oral e escrita, e dentre eles estão:

Linguagem Oral Linguagem Escrita

Literários	Imprensa	Divulgação Científica	Publicidade
Cordel, causos e similares	Comentário radiofônico	Exposição	Propaganda
Texto Dramático	Entrevista	Seminário	Publicidade
Canção	Debate	Debate	
Conto	Depoimento	Palestra	
Novela	Notícia	Verbetes	
Literários	Imprensa	Divulgação Científica	Publicidade
Romance	Editorial	Enciclopédico (nota \ artigo)	
Crônica	Artigo	Relatórios de experiências	
Poema	Reportagem	Didáticos (textos enunciados de questões)	
	Carta do leitor	Artigos	
	Entrevista		
	Charge e tira		

2.1 A concepção de leitura nos PCNs e a escola

Os PCN definem o leitor competente como alguém capaz de compreender integralmente aquilo que lê, ultrapassando o nível explícito a ponto de identificar elementos implícitos. O domínio das estratégias de leitura decorre de uma prática viva do ato de ler, de um lado, vivenciando os diferentes modos de ler existentes nas práticas sociais; de outro, respondendo aos diferentes propósitos de quem lê.

A interpretação de um texto é feita com base em hipóteses que o leitor cria sobre o que lê. Essas hipóteses resultam das relações que o leitor vai estabelecendo desde o início da leitura, continuamente entre os elementos visuais, as palavras, as frases de um texto e todas as informações que ele pode trazer para a leitura. Essa atividade está diretamente relacionada à predição, que consiste em antecipar o sentido do texto, eliminando previamente hipóteses improváveis.

Assim, esse documento estabelece algumas expectativas para o sucesso dos alunos como leitores, ao final da educação básica. Que ele:

- Saiba selecionar textos segundo seu interesse e necessidade;
- Leia, de maneira autônoma, textos de gêneros e temas com os quais tenha construído familiaridade:
 - Selecione procedimentos de leitura adequados a diferentes objetivos e interesses, e a características do gênero e suporte;
 - Desenvolva sua capacidade de construir um conjunto de expectativas (pressuposições antecipadoras de sentidos, da forma e da função do texto), apoiando-se em seus conhecimentos prévios sobre o gênero, suporte e universo temático, bem como sobre saliências textuais – recursos gráficos, imagens, dados da própria obra (índice, prefácio etc);
 - Confirme antecipações e inferências realizadas antes e durante a leitura;
 - Articule o maior número possível de índices textuais e contextuais na construção do sentido do texto, de modo a:

- a) utilizar inferências pragmáticas para dar sentido a expressões que não pertençam a seu repertório linguístico ou estejam empregadas de forma não usual em sua linguagem;
- b) extrair informações não explicitadas, apoiando-se em deduções;
- c) estabelecer progressão temática;
- d) integrar e sintetizar informações, expressando-as em linguagem própria, oralmente ou por escrito;
- e) interpretar recursos figurativos tais como: metáforas, metonímias, eufemismos, hipérboles, etc.

Assim observa-se que a finalidade principal da escola hoje é formar alunos capazes de exercer a sua cidadania, compreendendo criticamente as realidades sociais e nelas agindo, efetivamente. Para tanto, coloca-se como fundamental a construção da proficiência leitora desse aluno. Nessa perspectiva, é fundamental que todos os educadores - em especial os professores - estejam atentos. Conhecer a natureza do processo de leitura, assim como o processo pelo qual os sentidos de um texto são construídos, é condição indispensável para uma aprendizagem efetiva, quando esta pressupõe leitura de textos escritos.

Bem se vê que a leitura e a interpretação de textos devem acontecer em um processo sócio interacional. Para que isso ocorra com eficiência na escola, o professor deve procurar ser um mediador, ajudando os alunos no descobrimento de quais estratégias devem usar para construir o sentido daquilo que está sendo lido.

A partir das diversas operações que ocorrem antes, durante e depois da leitura, SOLÉ (1998, 73-4) sustenta que, na escola, devem ser ensinadas estratégias que ajudem a:

1. Compreender os propósitos implícitos e explícitos da leitura. Equivaleria a responder às perguntas: O que tenho que ler? Por que / para que tenho que ler?
2. Ativar e aportar à leitura os conhecimentos prévios relevantes para o conteúdo em questão. Que sei sobre o conteúdo do texto? Que sei sobre

conteúdos afins que possam ser úteis para mim? Que outras coisas sei que possam me ajudar: sobre o autor, o gêneros, e o tipo do texto...)?

3. Dirigir a atenção ao fundamental, em detrimento do que pode parecer mais trivial (em função dos objetivos definidos); Qual é a informação essencial proporcionada pelo texto e necessária para conseguir o meu objetivo de leitura? Que informações posso considerar pouco relevantes, por sua redundância, seu detalhe, por serem pouco pertinentes para o propósito que persigo?

4. Avaliar a consistência interna do conteúdo expresso pelo texto e sua compatibilidade com o conhecimento prévio e com o ‘sentido comum’. Este texto tem sentido? As ideias apresentadas no mesmo têm coerência? É discrepante com o que eu penso, embora siga uma estrutura de argumentação lógica? Entende-se o que se quer exprimir? Que dificuldade apresenta?

5. Comprovar continuamente se a compreensão ocorre mediante a revisão e a recapitulação periódica e a auto interrogação. Que se pretendia explicar nesse parágrafo – subtítulo, capítulo -? Qual é a ideia? Dessa forma, elaborar atividades em que sejam acionadas essas estratégias representará a possibilidade de proporcionar meios de amadurecimento e autonomia para o leitor em formação - o que deve ser prioridade da prática pedagógica. Isso será possível fazendo um trabalho, embora consciente das dificuldades inerentes ao processo, certo da capacidade de transformação nele contida. Daí a preocupação com a construção do sentido do texto, com os procedimentos envolvidos nessa construção, com as estratégias acionadas no processo de leitura e, principalmente, com a necessidade de o professor assumir uma nova postura nas aulas de Língua Portuguesa.(p.73 E 74).

CAPÍTULO III

UMA PROPOSTA DE LEITURA EM SALA DE AULA

Para desenvolver o trabalho de leitura em sala de aula tomamos como referência a proposta de Marcuschi (2008) para estabelecer a Sequência Didática.

Uma sequência didática, segundo o autor, é um trabalho organizado de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito e serve para dar acesso aos alunos as práticas de linguagem novas ou dificilmente domináveis. Quando se depara com um assunto novo, o aluno recorre a concepções, representações e conhecimentos adquiridos em suas experiências anteriores, que aconteceram dentro e fora da escola. Esses conhecimentos prévios determinam em boa parte as informações que ele selecionará, como as organizará e que tipo de relações estabelecerá entre elas. Por isso, é importante o professor inteirar-se do que seus alunos sabem e do que precisam saber sobre o conteúdo a ser estudado.

Marcuschi (2008) define uma sequência didática da seguinte forma:

- Apresentação da situação: é detalhada aos alunos a tarefa que eles têm que realizar no final do processo, seja ela oral ou escrita. Essa etapa é uma primeira tentativa de realização do gênero. É o momento da apresentação da situação de comunicação e da atividade de linguagem a ser executada. Nessa fase, os alunos tomam conhecimento de um projeto coletivo de produção de um gênero oral ou escrito que produzirão. Isto será feito de forma explícita, detalhada, para que se certifiquem da melhor maneira de situar o gênero em sua situação de comunicação, identificando o problema de comunicação que devem resolver. Para isso, devem responder: a) Qual é o gênero que será abordado? b) A quem se dirige a produção? c) Que forma assumirá a produção? d) Quem participará da produção? Ainda nessa fase, os alunos conhecerão os conteúdos que deverão ser abordados. Essa etapa deverá fornecer-lhes todas as informações cabíveis para o conhecimento do projeto comunicativo desejado, bem como o conhecimento da linguagem a que o gênero se relaciona.

- Produção Inicial: eles elaborarão um primeiro texto inicial, oral ou escrito, que seja relacionado ao gênero apresentado. Essa etapa é importante porque permite ao professor: 1.

observar as dificuldades dos alunos; 2. avaliar as capacidades demonstradas por eles; 3. adequar as atividades e os exercícios previstos na sequência às possibilidades; 4. adequar as atividades e os exercícios previstos na sequência dentro das reais necessidades dos alunos.

- Os Módulos: Os módulos são constituídos por várias atividades sistematizadas e aprofundadas que serão direcionadas às possíveis dificuldades detectadas na primeira produção. Nesses serão dados aos alunos meios necessários para solucionar problemas, através de atividades suficientes, buscando sanar todas as dificuldades encontradas até a elaboração da produção final. Cada módulo trabalhará uma ou outra capacidade necessária para se dominar o gênero, lembrando que a sequência didática parte do mais complicado para o mais simples: parte da produção inicial aos módulos e volta finalmente para o mais difícil, a produção final. No início dos módulos trabalhará os problemas que aparecem na primeira produção.

- Produção Final: após uma sequência de atividades, o aluno chega à produção final. Poderá colocar em prática tudo o que aprendeu no decorrer dos módulos, em relação ao gênero e, junto com o professor, avaliar o que foi ou não foi aprendido. Nessa etapa, o professor avaliará o trabalho de forma somativa, observando os aspectos que incidem sobre o que foi trabalhado em relação ao gênero.

Como se pode ver, a sequência didática é uma maneira prática e viável de se dominar um gênero, uma vez que possibilita ao aluno/leitor escrever ou falar de forma mais adequada a cada situação de comunicação; e viabiliza a estes, o acesso a práticas de linguagem novas ou de difícil domínio, tanto na escola como fora dela.

3.1 O Conto de Fadas escolhido

Como comentado, o conto de fadas escolhido foi “OS TRÊS PORQUINHOS”. Pela leitura simples e encantada do conto aplicamos estratégias dos autores já citados e, para isso utilizamos a Sequência Didática no plano de aula. Os alunos entre dez e onze anos precisam a todo o momento de estímulo.

3.2 O que são Contos de Fadas

Contos de Fadas, por definição simples e até um pouco óbvia, são histórias (e não histórias) ficcionais que fulguram elementos e personagens folclóricos, como fadas, elfos, gigantes e suas habilidades encantadas. Ao contrário de lendas ou mitos, os Contos possuem poucas ou nenhuma referências histórica ou religiosa da história humana; notavelmente, a maioria dos Contos de Fadas se passa em um espaço-tempo não necessariamente muito bem definido; em parte o que gerou a famosa expressão do “Era uma vez”. Os Contos ainda são muito associados à presença de magia e animais falantes, muitas vezes mais do que a presença efetiva de fadas. J.R.R. Tolkien, por exemplo, concorda que as fadas deveriam ser deixadas de lado no termo, definindo “contos de fadas” como sendo somente as histórias das aventuras dos homens em Faërie, a terra das fadas, elfos, anãs e outras maravilhas.

Junto com os famosos Irmãos Grimm, que viveram no século 18, Madame d’Aulnoy tem parte na “culpa” da associação de Contos de Fadas às crianças e ao universo infantil. Antigamente, o público adulto era tão grande, senão maior, quanto o público infantil desses contos. A sua difusão para crianças começou por meio dos *précieuses* (francês para preciosos), contos de fadas muito comuns na Renascença Francesa e que eram dirigidos à nobreza feminina, mas que servas ou outras mulheres de classe baixa também contavam às crianças. Deste modo, a popularização dos Contos entre as crianças foi aumentando. Muitos dos escritores dos preciosos começaram, portanto, a escrever com base no público infantil, ou a modificar outros contos para se adequar ao universo infantil. Os próprios Irmãos Grimm dedicaram-se muito a esse ofício, sendo que uma das suas principais cruzadas foi a eliminação de elementos sexuais dos antigos Contos de Fadas. Os Irmãos Grimm compilaram sua obra na forma de um livro chamado *Children’s and Household Tales* (algo que poderia ser traduzido como “Contos Domésticos e para Crianças”), demonstrando qual era, de fato, seu público alvo. No tocante ao Conto de Fadas, para que uma história seja classificada como tal, deve abranger 4 etapas narrativas:

(Enriquecimento psicológico e maturidade). 1 - a travessia - que leva o herói ou heroína a um lugar diferente, cheio de magia e fantasia. (p.ex. - Joãozinho e Mariazinha saem da

casa paterna e são deixados na floresta, que representa o mundo desconhecido). A saída do lar e a caminhada pela floresta representa a travessia para um mundo desconhecido.

2 - o encontro com a presença diabólica, que pode ser uma bruxa, uma madrasta má ou alguma outra figura com características malévolas: (o encontro de Joãozinho e Mariazinha com a bruxa da casa de doces).

3 - a conquista, etapa na qual o herói ou heroína irá travar uma luta de vida ou morte com a figura malévola do conto e que resultará na morte desta última. (Mariazinha luta com a bruxa, derrubando-a no caldeirão fervente).

4 - a celebração - onde haverá ou um casamento, ou uma reunião de família, em que estarão comemorando a morte da figura malévola e todos então poderão viver felizes para sempre. É uma catarse. (Joãozinho e Mariazinha retornam à casa paterna trazendo joia, que simbolizam o conhecimento adquirido).

3.3 Sequência didática

Apresentação da Situação

Apresentamos uma turma do 6º Ano (24 alunos) de Escola da Rede Particular. Os alunos apresentam dificuldade de leitura e interpretação.

Aula 01

- O professor conversa com os alunos sobre leitura. Pergunta se os alunos gostam de ler e do que.
- Depois explica aos alunos que realizarão um trabalho sobre contos de fadas.

- Pergunta se os alunos sabem o que é um conto de fada e quais conhecem. Aqui o professor utiliza a estratégia de formular perguntas e previsões sobre o texto a ser lido. - É esperado que os alunos falem de alguns.

- O professor apresenta o conto “Os três Porquinhos”, informando que este é o conto escolhido para trabalhar.

Produção Inicial

Aula 02

- O professor solicita aos alunos que escrevam o conto que conhecem sobre os três porquinhos.

Aula 03

- Os alunos formam grupos de 04 (quatro).

- Primeiro o professor solicita que um aluno de cada grupo leia o que escreveu.

- A cada leitura o professor anota as observações referente à leitura de cada aluno: dificuldades,

Aula 04

- Continuação da leitura dos contos escritos pelos alunos.

- A cada leitura o professor anota as observações referente à leitura de cada aluno: dificuldades.

Aula 05

- O professor forma um círculo com a turma e entrega uma cópia do seu texto para os alunos.

- Ele pede que os alunos leiam em silêncio o texto.

- Pergunta aos alunos o que entenderam da história. Esta estratégia serve para verificar o processo de compreensão do texto. - Compreender os propósitos implícitos e explícitos da leitura. Que/Por que/Para que tenho que ler?

Aula 06

- Nesta aula o professor explica que os alunos lerão o mesmo texto em voz alta. Ele diz que vai avisar o momento em que o aluno deve parar e outro deverá continuar a leitura. O professor não indicará quem será o próximo, será uma iniciativa do aluno.
- Em alguns momentos o professor pergunta aos alunos o que falava o trecho lido – O objetivo desta estratégia é comprovar continuamente se a compreensão ocorre mediante a revisão e a recapitulação periódica e a auto interrogação. Qual é a ideia fundamental que extraio daqui.

Aula 07

- O professor explica aos alunos o que é um resumo e solicita que os alunos façam um sobre o texto.

Aula 08

Produção Final

- O professor solicita aos alunos que escrevam novamente o conto dos três porquinhos.

Aula 09

Produção Final

- Os alunos novamente formam grupos de 04 (quatro).
- O professor solicita que os alunos leiam o que escreveram.

Aula 10

- O professor pede que cada um fale o que achou das leituras durante o trabalho e sobre a leitura final.
- Considerações finais do professor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notório e indiscutível que desde cedo a leitura deve ser inserida no universo da criança. Este trabalho busca mostrar que o desafio está em desenvolver e aplicar estratégias da leitura em sala de aula. Observamos que Solé (2009) e Kleiman (1989) apresentam estratégias que vão ao encontro do que buscamos neste trabalho.

Escolhemos os Contos de Fadas porque estão no mundo, no universo infantil. As crianças do 6º ano ainda buscam a magia nas histórias e assim nosso objetivo é por meio destas ferramentas colaborar com o professor nas atividades de leitura. Ler não é uma questão simples. A leitura na escola gera inúmeras possibilidades de desenvolvimento social, emocional e cognitivo do aluno; por isso, é necessário o desenvolvimento das competências de leitura e escrita dos alunos e, neste trabalho busca-se explorar as estratégias de leitura voltadas para o conto de fadas.

Solé apresenta questionamentos que o professor precisa buscar responder quando aplicar as estratégias. Assim, os objetivos dos leitores, ou propósitos, com relação a um texto podem ser muito variados, de acordo com as situações e momentos. Para compreender o que se está lendo é preciso ter conhecimentos sobre o assunto. Mas algumas coisas podem ser feitas para ajudar as crianças a utilizar o conhecimento prévio que têm como dar alguma explicação geral sobre o que será lido; ajudar os alunos a prestar atenção a determinados aspectos do texto, que podem ativar seu conhecimento prévio ou apresentar um tema que não conheciam. A finalidade principal da escola hoje é formar alunos capazes de exercer a sua cidadania, compreendendo criticamente as realidades sociais e nelas agindo, efetivamente. Para tanto, coloca-se como fundamental a construção da proficiência leitora desse aluno. Nessa perspectiva, é fundamental que todos os educadores - em especial os professores - estejam atentos. Conhecer a natureza do processo de leitura, assim como o processo pelo qual os sentidos de um texto são construídos, é condição indispensável para uma aprendizagem efetiva, quando esta pressupõe leitura de textos escritos.

Ao aplicar as estratégias deste trabalho pudemos verificar que são viáveis e importantes ferramentas no ensino da leitura. Não podemos deixar de mencionar que cada indivíduo é único. Portanto, obteremos resultados diferentes, pois cada turma tem uma evolução.

Acredito que seja interessante para outros pesquisadores colocar as estratégias apresentadas em outros gêneros e turmas mais avançadas para fazer um comparativo.

REFERÊNCIAS

COLOMER, Tereza. Andar entre livros: A leitura literária na escola. São Paulo. Global, 2007.

COLOMER, Tereza; **CAMPS**, Anna. Ensinar a ler, ensinar e compreender. Porto Alegre. Artmed, 2002.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. São Paulo. Cortez, 2001.

KLEIMAN, Ângela. Texto e leitor: Aspectos Cognitivos da leitura. Campinas: São Paulo. Pontes, 2000.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Oralidade e ensino, uma questão pouco ‘falada’.

In: DIONÍSIO, Ângela Paiva e BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). O livro didático de português. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

_____. Da fala para a escrita: atividades de retextualização.

São Paulo: Cortez, 2001.

_____. Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MELO, José Marques. Os meios de comunicação de massa e o hábito de leitura. IN: BARZOTTO, Valdir Heitor (Org) Estado de leitura. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura no Brasil, 1999. (coleção Leituras no Brasil).

BASTOS, Neusa Barbosa. Língua Portuguesa: História, Perspectivas, Ensino. São Paulo: IP- Puc educ, 1998.

SOLÉ, Isabel. Estratégias de Leitura. 6.ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

“A Verdadeira inocência dos Contos de Fadas”. <http://aosugo.com/2008/03/21/a-verdadeira-inocencia-dos-contos-de-fadas/>. Acesso em: 07/01/2014

“Fábulas e Contos de Fadas”. O que é um Conto de Fadas?<http://www.fabulasecontos.com.br/?pg=descricao&id=221>. Acesso em: 07/01/2014.

ANEXO I

CONTO DE FADAS: OS TRÊS PORQUINHOS.

Era uma vez, na época em que os animais falavam três porquinhos que viviam felizes e despreocupados na casa da mãe.

A mãe era ótima, cozinhava, passava e fazia tudo pelos filhos. Porém, dois dos filhos não a ajudavam em nada e o terceiro sofria em ver sua mãe trabalhando sem parar.

Certo dia, a mãe chamou os porquinhos e disse:

__ Queridos filhos, vocês já estão bem crescidos. Já é hora de terem mais responsabilidades para isso, é bom morarem sozinhos.

A mãe então preparou um lanche reforçado para seus filhos e dividiu entre os três suas economias para que pudessem comprar materiais e construir uma casa.

Estava um bonito dia, ensolarado e brilhante. A mãe porca despediu-se dos seus filhos:

__ Cuidem-se! Sejam sempre unidos! - desejou a mãe.

Os três porquinhos, então, partiram pela floresta em busca de um bom lugar para construir a casa. Porém, no caminho começaram a discordar com relação ao material que usariam para construir o novo lar.

Cada porquinho queria usar um material diferente.

O primeiro porquinho, um dos preguiçosos foi logo dizendo:

__ Não quero ter muito trabalho! Dá para construir uma boa casa com um monte de palha e ainda sobra dinheiro para comprar outras coisas.

O porquinho mais sábio advertiu:

__ Uma casa de palha não é nada segura.

O outro porquinho preguiçoso, o irmão do meio, também deu seu palpite:

__ Prefiro uma casa de madeira, é mais resistente e muito prática. Quero ter muito tempo para descansar e brincar.

__ Uma casa toda de madeira também não é segura - comentou o mais velho- Como você vai se proteger do frio? E se um lobo aparecer, como vai se proteger?

__ Eu nunca vi um lobo por essas bandas e, se fizer frio, acendo uma fogueira para me aquecer! - respondeu o irmão do meio- E você, o que pretende fazer, vai brincar conosco depois da construção da casa?

__ Já que cada um vai fazer uma casa, eu farei uma casa de tijolos, que é resistente. Só quando acabar é que poderei brincar. – Respondeu o mais velho.

O porquinho mais velho, o trabalhador, pensava na segurança e no conforto do novo lar.

Os irmãos mais novos preocupavam-se em não gastar tempo trabalhando.

__ Não vamos enfrentar nenhum perigo para ter a necessidade de construir uma casa

resistente. - Disse um dos preguiçosos.

Cada porquinho escolheu um canto da floresta para construir as respectivas casas. Contudo, as casas seriam próximas.

O Porquinho da casa de palha, comprou a palha e em poucos minutos construiu sua morada.

Já estava descansando quando o irmão do meio, que havia construído a casa de madeira chegou chamando-o para ir ver a sua casa.

Ainda era manhã quando os dois porquinhos se dirigiram para a casa do porquinho mais velho, que construía com tijolos sua morada.

__ Nossa! Você ainda não acabou! Não está nem na metade! Nós agora vamos almoçar e depois brincar. – disse irônico, o porquinho do meio.

O porquinho mais velho, porém não ligou para os comentários, nem par a as risadinhas, continuou a trabalhar, preparava o cimento e montava as paredes de tijolos. Após três dias de trabalho intenso, a casa de tijolos estava pronta, e era linda!

Os dias foram passando, até que um lobo percebeu que havia porquinhos morando naquela parte da floresta. O Lobo sentiu sua barriga roncar de fome, só pensava em comer os porquinhos.

Foi então bater na porta do porquinho mais novo, o da casa de palha. O porquinho antes de abrir a porta olhou pela janela e avistando o lobo começou a tremer de medo.

O Lobo bateu mais uma vez, o porquinho então, resolveu tentar intimidar o lobo:

__ Vá embora! Só abrirei a porta para o meu pai, o grande leão!- mentiu o porquinho cheio de medo.

__ Leão é? Não sabia que leão era pai de porquinho. Abra já essa porta. – Disse o lobo com um grito assustador.

O porquinho continuou quieto, tremendo de medo.

__ Se você não abrir por bem, abrirei à força. Eu ou soprar vou soprar muito forte e sua casa irá voar.

O porquinho ficou desesperado, mas continuou resistindo. Até que o lobo soprou um a vez e nada aconteceu, soprou novamente e da palha da casinha nada restou, a casa voou pelos ares. O porquinho desesperado correu em direção à casinha de madeira do seu irmão.

O lobo correu atrás.

Chagando lá, o irmão do meio estava sentado na varanda da casinha.

__ Corre, corre entra na casa! O lobo vem vindo! – gritou desesperado, correndo o porquinho mais novo.

Os dois porquinhos entraram bem a tempo na casa, o lobo chegou logo atrás batendo com força na porta.

Os porquinhos tremiam de medo. O lobo então bateu na porta dizendo:

__ Porquinhos, me deixem entrar só um pouquinho! __ De forma alguma Seu Lobo, vá embora e nos deixe em paz.- disseram os porquinhos.

vendedor.

De repente ouviram um barulho no teto. O lobo havia encostado uma escada e estava subindo no telhado.

Imediatamente o porquinho mais velho aumentou o fogo da lareira, na qual cozinhavam uma sopa de legumes.

O lobo se jogou dentro da chaminé, na intenção de surpreender os porquinhos entrando pela lareira. Foi quando ele caiu bem dentro do caldeirão de sopa fervendo.

___AUUUUUUU!- Uivou o lobo de dor, saiu correndo em disparada em direção à porta e nunca mais foi visto por aquelas terras.

Os três porquinhos, pois, decidiram morar juntos daquele dia em diante. Os mais novos concordaram que precisavam trabalhar além de descansar e brincar.

Pouco tempo depois, a mãe dos porquinhos não agüentando as saudades, foi morar com os filhos.

Todos viveram felizes e em harmonia na linda casinha de tijolos....